

**AS ELEIÇÕES, AS DIRETRIZES  
CURRICULARES, OS FEITOS, AS PROMESSAS:  
“o que foi feito deverá” e “nada será como antes”?**

*O que foi feito, amigo,  
De tudo que a gente sonhou  
O que foi feito da vida,  
O que foi feito do amor (grifos nossos)  
Quisera encontrar aquele verso menino  
Que escrevi há tantos anos atrás  
Falo assim sem saudade,  
Falo assim por saber  
Se muito vale o já feito,  
Mais vale o que será  
Mais vale o que será (grifos nossos)  
E o que foi feito é preciso  
Conhecer para melhor prosseguir  
Falo assim sem tristeza,  
Falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos  
Que nós iremos crescer  
Nós iremos crescer,  
Outros outubros virão (grifos nossos)  
Outras manhãs, plenas de sol e de luz  
Alertem todos alarmas  
Que o homem que eu era voltou  
A tribo toda reunida,  
Ração dividida ao sol  
E nossa vera cruz,  
Quando o descanso era luta pelo pão  
E aventura sem par  
Quando o cansaço era rio  
E rio qualquer dava pé*

E a cabeça rolava num gira-girar de amor  
 E até mesmo a fé não era cega nem nada  
     Era só nuvem no céu e raiz  
     Hoje essa vida só cabe  
 Na palma da minha paixão  
     Devera nunca se acabe,  
     Abelha fazendo o seu mel  
     No canto que criei,  
 Nem vá dormir como pedra e esquecer

    O que foi feito de nós.<sup>1</sup>  
*Eu já estou com o pé nessa estrada*  
     Qualquer dia a gente se vê  
     Sei que nada será como antes,  
     amanhã (grifos nossos)  
 Que notícias me dão dos amigos?  
     Que notícias me dão de você?  
     Alvorço em meu coração  
     Amanhã ou depois de amanhã  
*Resistindo na boca da noite um gosto de sol*  
     Num domingo qualquer, qualquer hora  
     Ventania em qualquer direção  
     Sei que nada será como antes  
     amanhã (grifos nossos)  
 Que notícias me dão dos amigos?  
     Que notícias me dão de você?  
     Sei que nada será como está  
     Amanhã ou depois de amanhã  
*Resistindo na boca da noite um gosto de sol*  
     (grifos nossos).<sup>2</sup>

Nesta edição a Revista Motrivivência, como é de praxe em seus editoriais, tenta se posicionar criticamente com relação aos problemas públicos de natureza macro e micros social que, direta e indiretamente, afetam as problemáticas da Educação Física, Esportes e Lazer. Estamos nos referindo

aos trâmites recentes da condução da vida política brasileira, cujos desdobramentos culminaram nas eleições para Presidente da República. Vale destacar que em diversas edições, independentemente do tema dos dossiês, sempre tentamos apresentar uma leitura da conjuntura, visando com isso situar o leitor sobre as diversas dimensões da economia política e suas relações com as políticas educacionais e, em especial, das políticas para a Educação Física, Esporte e Lazer. No ponto de vista de uma concepção de política e de periódico científico, já em 1989 na edição n. 2, na “fase sergipana” da revista, sob o título “O Esporte e suas diversas concepções”, a revista publicou o texto “Os presidenciáveis e o Esporte”, em cujo editorial foi possível conhecer as diversas propostas para a política brasileira naquele contexto social, econômico e político brasileiro. No editorial mencionado, dissemos que:

*É nesse contexto de lutas e de sucessão presidencial que a Motrivivência luta com sua equipe para sobreviver em meio a tantos conflitos sócio-econômicos. É nessa perspectiva que a revista luta em busca de sua identidade e desse compromisso político assumido, objetivando a continuidade de um projeto editorial que busque o novo, o avanço, com uma linha editorial baseada em temáticas polêmicas e contraditórias do nosso tempo. O nosso compromisso político é com o bem estar, com a melhoria da qualidade de vida do homem, com a ciência sem neutralidade, com saber que eleve o homem tornando-o mais humano, mais pensante, mais crítico e mais criativo (Motrivivência, Editorial, n. 2, p. 5, 1989).*

1 O Que Foi Feito Deverá/De Vera (Milton Nascimento/Fernando Brandt; Clube da Esquina 2, 1978)

2 Nada Será Como Antes (Milton Nascimento/Lô Borges; Clube da Esquina, 1972).

Nesta edição, como não poderia ser diferente, voltamos nossos olhares críticos e propositivos para a sucessão presidencial, cujo resultado foi a reeleição da Presidenta Dilma Rouseff. Neste sentido, evocamos no título deste editorial as eleições para presidente, o assunto da seção temática desta edição (diretrizes curriculares nacionais. 10 anos) e, fundamentalmente, as metáforas das músicas de Milton Nascimento. As duas canções trazem em seu bojo a reflexão sobre as promessas e os feitos concretos (realizações concretas) em termos de políticas públicas e sociais (Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, redução do desemprego, Mais Médicos, Políticas de Cotas, Pronatec, Luz para todos, Água para todos e outros).

Por tudo isso, se justifica refletir criticamente sobre os limites e possibilidades do que “foi feito” em termos de programas sociais e seus desdobramentos qualitativos e superadores, tendo em vista para já, o devir. Nesta linha de raciocínio, convém perguntar-se: “nada será como antes”? Ou melhor, como encarar os desafios de sair do âmbito das necessárias políticas emergenciais, insuficientes e de “inclusão precária”, para políticas estruturadoras, efetivamente de cidadania e para além da polarização entre inclusão/exclusão social?

O fato é que, enquanto editores, por coerência política e ideológica, apoiamos, a partir do segundo turno, pela continuidade do “foi feito”, conforme o posicionamento de alguns intelectuais sobre a importância da continuidade do governo de Dilma, evidentemente, com necessária **superação**

das contradições que estão presentes em seu primeiro mandato. A seguir, apresentamos excertos de diversos intelectuais e jornalistas brasileiros que analisaram as eleições presidenciais e potencializamos os nossos argumentos, enquanto projeto editorial crítico, para apoiar com vigilância o governo da presidenta reeleita:

– *Na raiz do problema, uma velha tradição brasileira: a ausência de um arcabouço moral universalizado capaz de impor como dever o respeito a todos os seres humanos, em sua dignidade fundamental. Os “nordestinos miseráveis analfabetos” são a versão mais recente do que Jessé Souza chamou de “ralé brasileira”. Ele mostra como, a partir das figuras do escravo e do dependente, formou-se entre nós uma massa a quem se nega o estatuto de “gente”. No caso em questão, a dignidade desses tipos sociais é duplamente negada. Primeiro, contesta-se o seu direito à manifestação mais superficial de cidadania que é o voto. Eleitores tão desinformados não deveriam votar, está implícito. Mas esta primeira recusa está fundamentada em outra, muito mais profunda, que é a do direito ao reconhecimento social já mencionado. Ao fim e ao cabo, o que está em jogo é a grita contra a quebra do monopólio de recursos vitais para a reprodução das elites e para a manutenção do tipo obscuro de desigualdade que existe entre nós. Afinal, os governos petistas empreenderam uma política de valorização do salário mínimo e de distribuição de renda, o que fez cair a desigualdade econômica de modo contínuo, embora em ritmo mais lento nos últimos anos. A PEC das domésticas veio colocar mais lenha na fogueira porque, ao regular este tipo de trabalho, atacou*

o mais claro resquício da escravidão no país, uma relação que não tinha sequer uma jornada estabelecida.<sup>3</sup>

\*\*\*

– Apesar das mazelas e contradições do PT e do atual governo, votarei em Dilma para que se aprimorem as políticas sociais que, nos últimos 12 anos, tiraram da miséria 36 milhões de brasileiros.

Votarei para que o Brasil prossiga independente e soberano, livre das ingerências do FMI e do Banco Mundial, distante dos ditames da União Européia e crítico às ações imperialistas dos EUA.

Votarei pela integração latino-americana e caribenha; pelo solidário apoio aos governos de Cuba, Venezuela, Bolívia, Equador e Uruguai; pela autonomia da CELAC e do Mercosul.

Votarei pelo respeito ao direito constitucional de greves e manifestações públicas, sem criminalização dos movimentos sociais e de seus líderes.

Votarei pela Política Nacional de Participação Social; pela manutenção de cotas em universidades; pelo Enem, o Pronatec e o ProUni; e pelo aumento do percentual do PIB aplicado em educação.

Votarei a favor do Programa Mais Médicos que, graças à sua ação preventiva, fez decrescer a mortalidade infantil para 15,7 em cada 1.000 nascidos vivos. Votarei pelo crédito facilitado e o reajuste anual do salário mínimo, de modo a ampliar o poder aquisitivo das famílias brasileiras, a ponto de viagens aéreas deixarem de ser um luxo das classes abastadas.

Votarei para que o trabalho escravo em fazendas do agronegócio seja severamente punido e tais propriedades confiscadas em prol da reforma agrária.

Votarei para que a Polícia Federal

prossiga apartidária, efetuando prisões até mesmo de membros do governo, combatendo o narcotráfico, o contrabando e a atividade nefasta dos doleiros. Votarei para que a inflação seja mantida sob controle e, no Brasil, o crescimento do IDH seja considerado mais importante que o do PIB. Se nosso PIB cresce pouco, nosso IDH é o segundo do mundo, atrás apenas dos EUA, se considerarmos o tamanho da população.

Votarei para que a nossa diplomacia permaneça independente, aliada às causas justas, sem tirar os sapatos nas alfândegas usamericanas e endossar o terrorismo bélico dos EUA, que dissemina lágrimas e sofrimentos em tantas regiões do planeta.

Votarei pela preservação do Marco Zero da internet, sem ingerência das gigantes de telecomunicações, interessadas em mercantilizar as redes sociais e manter controle sobre a comunicação digital.

Votarei, enfim, por um Brasil melhor, mesmo sabendo que o atual governo é contraditório e incapaz de promover reformas de estruturas e punir os responsáveis pelos crimes da ditadura militar. Porém, temo o retrocesso e, na atual conjuntura, não troco o conhecido pelo desconhecido<sup>4</sup>.

\*\*\*

– No principal telejornal do Brasil, o “Jornal Nacional”, da TV Globo, a cobertura com notícias favoráveis para Dilma foi de quatro minutos e 14 segundos. Para Aécio foi de nove minutos e 52 segundos. No caso das notícias desfavoráveis, para Dilma o tempo foi de 53 minutos e para Aécio foi de sete minutos e seis segundos.

3 “Antipetismo e Ódio de Classe”. Artigo da socióloga e professora da UFPE, Maria Eduarda Mota Rocha, publicado na edição brasileira do jornal espanhol “El País”. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412803414\\_859186.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412803414_859186.html)>.

4 Frei Betto. 13 razões para reeleger Dilma. <<http://freibetto.org.br>>.

*Não estamos falando apenas de parcialidade. Este limite já foi ultrapassado. Trata-se de bombardeio midiático contra a candidata do PT. Bombardeio agora intensificado com denúncias seletivamente vazadas de um inquérito supostamente sigiloso sobre a corrupção na Petrobras<sup>5</sup>.*

\*\*\*

Esses argumentos, contudo, reque-rem de relativização e bom senso, considerando a iminente necessidade de se fazer uma crítica da crítica e uma negação da negação, para além da crítica irresponsável e leviana de conservadores e reacionários, incrustados numa oposição de caráter eleitoreiro e oportunista, que a mídia golpista ajuda a dar visibilidade, como no episódio da edição da revista *Veja*. Continuaremos nossas críticas aos limites e equívocos supramencionados das políticas educacionais e, é claro, às políticas da Educação Física, Esportes e Lazer.

Diante disso, somos impelidos a reconhecer os avanços provisórios em termos de redução da “miséria extrema”, embora consideremos esse fato concreto, ainda insuficiente e precário diante da horda de trabalhadores historicamente empobrecidos pelo processo de acumulação secular de capital e de abissal de divisão de classes sociais e, conseqüentemente, da enorme desigualdade social engendrada pelo capitalismo neoliberal. Os feitos merecem reconhecimento, mas os desafios são grandes e ainda é muito cedo para poder-se falar efetivamente da “construção do

pós-neoliberalismo” no limiar da nova gestão da presidenta Dilma. Mesmo assim, pode-se dizer que, apesar de todas as mazelas, limites, equívocos e contradições, os governos de Lula e Dilma, representam uma tentativa acanhada - mas relevante - de ruptura com décadas de desigualdades sociais, pois promoveram “uma inflexão marcante na evolução da formação social brasileira”. Por mais que o modelo siga dominante em escala mundial e nosso próprio país ainda sofra os reflexos das transformações regressivas realizadas pelos governos neoliberais, os governos de Lula e da Dilma nos colocaram na contramão das tendências mundiais. É preciso lembrar que esses governos ditos de resistência se constituíram como respostas anticíclicas às tendências recessivas do centro do capitalismo. Também é verdade que, de um lado, conseguiram resistir à recessão e, de outro, tiveram de se adaptar aos retrocessos impostos pelo neoliberalismo, tais como: a desindustrialização, o protagonismo de exportador primário, uma sociedade fragmentada, as ideologias consumistas, entre outros<sup>6</sup>. Esse fato implica que essa nova gestão de Dilma seja acompanhada de perto, tendo como mote o diálogo possível e a organização dos movimentos sociais, partidos e sindicatos. Os desafios que se apresentam nos fazem vislumbrar a possibilidade de construir uma sociedade democrática, solidária e humana, para além da lógica destrutiva do capital. Isso implica em pensar-fazer uma

5 **Massacre Midiático.** Guilherme Boulos, Folha de São Paulo 17 de outubro de 2014.

6 SADER, Emir. **A construção da Hegemonia Neo-liberal.** In: SADER, Emir et al. **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil.** São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO, 2013, p.135-143.

transformação radical de produção, do modelo de consumo, de trabalho, de educação, enfim de política pública.

Isso posto, para que se possa falar de “pós-neoliberalismo”, é preciso encarar os desafios históricos de continuidade das lutas pela educação pública de qualidade e a defesa pelos direitos sociais e a preservação das conquistas dos trabalhadores e suas organizações, os direitos à educação, à saúde, à aposentadoria, que vem sendo duramente atacados pelas políticas governamentais em curso desde a década de 90. Trata-se de retomar os parceiros históricos de luta, dentre os quais os sindicatos, liberando-os das amarras da manipulação ideológica destes.

Outro ponto para superação do governo Dilma diz respeito às urgentes mudanças nas políticas científicas, como já anunciamos em outros editoriais, cujo “produtivismo” quantitativo e exacerbado tem causado prejuízos às ciências humanas e sociais, de tal modo que vem se tornando uma questão de saúde pública e coletiva. Assim, quando se inicia um novo mandato da presidenta Dilma, tendo em vista a insatisfação da comunidade acadêmica, consubstanciada pelo “mal estar docente”, se impõe a necessidade urgente de mobilização, em prol de outro projeto de pós-graduação. Em suma, é preciso construir um outro modelo de produção e veiculação do conhecimento, para além da competição, eficiência e eficácia, cujo processo-produto esteja assentado na perspectiva do debate qualitativo em termos de relevância acadêmica e social do conhecimento produzido.

Quando se fala em políticas públicas para Educação Física, Esportes e Lazer, apesar dos avanços, também precisam dar saltos qualitativos na proposição e práticas

dos programas até agora implementados. Neste campo, as atenções governamentais nos últimos anos – e nos vindouros também – ficaram muito concentradas na realização dos megaeventos esportivos (Copa das Confederações, Copa do Mundo FIFA, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, etc.), que obtiveram também o maior volume das verbas públicas diretas e as decorrentes de patrocínios das estatais. Programas sociais de esporte e lazer, envolvendo escolas, comunidades e grupos especiais, tiveram um claro refreamento neste período, com recursos sendo congelados ou contingenciados, o que limitou a expansão e até mesmo encolheu alguns programas da área. Espera-se que, no segundo mandato da presidenta, ela volte a receber atenção que possibilite a consolidação de programas sociais importantes para o desenvolvimento do esporte e do lazer de natureza educacional e inclusiva, como o Segundo Tempo, o PELC, o Vida Saudável, a Rede CEDES, o Esporte na Escola e outros, que são implementados pelo Ministério do Esporte desde a primeira gestão do presidente Lula (2003).

A Motrivivência, sempre atenta às demandas acadêmicas da área, resolveu incluir na presente edição uma seção temática voltada às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores (Res. nº 01/CNE/2002) e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Educação Física (Res. nº 07/CNE/2004). Na chamada feita aos autores, propusemos como temática um reflexão sobre os “10 anos das diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores e de bacharéis em Educação Física: o que mudou? No que avançamos? Que limites persistem? É possível ir além? O que ainda é preciso fazer? Que embates permanecem?”

Avançamos um pouco mais na exploração do nosso propósito na elaboração da ementa da seção, que ficou assim descrita:

Nos primeiros anos da década passada, foram editadas as Resoluções do CNE nº 01/2002 e 07/2004, que definem, respectivamente, as diretrizes curriculares para a formação de professores da educação básica (entre esses, os licenciados em Educação Física) e as diretrizes dos cursos de graduação (bacharelado) em Educação Física. Naquele momento, grandes embates envolvendo o CBCE, o MEEF e o CONFEF tiveram lugar sob os auspícios do MEC e CNE. Para alguns, uma reforma conservadora; para outros, o avanço possível; para outros mais, a conquista de espaços... E hoje? Passados os primeiros dez anos da definição dessas diretrizes, como os currículos dos cursos de Educação Física se interpretaram e implementaram? Quais são os concretos e possíveis avanços? Quais as repercussões destes no cotidiano da Educação Física escolar no ponto de vista do processo ensino-aprendizagem? O que dizem as pesquisas curriculares sobre as consequências das mudanças realizadas? Como os novos perfis profissionais estão sendo buscados e qual sua absorção pelo campo profissional? O que ainda precisa ser feito para a formação de professores e bacharéis mais competentes e críticos, sobretudo do ponto de vista das relações entre teoria e prática? Revisões das diretrizes curriculares são necessárias? Consideramos relevante pensarmos a formação que vimos promovendo nestes últimos dez anos, sob o impacto das novas diretrizes curriculares.

Os pesquisadores da área acolheram o nosso chamado e responderam a nossa provocação editorial com um significativo número de contribuições, o que demonstra o acerto em problematizarmos o tema. Recebemos artigos originais, decorrentes

de pesquisas curriculares, ensaios e relatos. Certamente, eles não são suficientes para cobrir o amplo espectro de possibilidades de abordagens ao tema. Mas a diversidade dos enfoques, as críticas realizadas e as proposições apresentadas ressaltam a importância de continuarmos refletindo sobre a nossa formação acadêmica e o acolhimento dos nossos egressos no mundo profissional.

Para coordenar a seção temática desta edição, convidamos, como já é praxe nas práticas editoriais da *Motrivivência*, uma pesquisadora de reconhecida inserção no campo dos estudos sobre a formação profissional em nossa área, que operou como editora associada. Trata-se da professora doutora *Gelcemar Oliveira Farias*, docente do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEFID/UDESC) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/UFSC). Para a organização da seção, a editora convidada constituiu um qualificado corpo de revisores *ad hoc*.

A respeito da seção temática, assim se manifesta a professora *Gelcemar*:

Esta edição da Revista *Motrivivência* se torna um marco, pois contempla investigações e relatos de pesquisadores acerca das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física. A proposta centrada nos dez anos de diretrizes curriculares para formação de professores, mais especificamente busca dinamizar este processo elencando fatores políticos, econômicos e sociais que foram sistematizados na conjuntura da efetivação das referidas diretrizes. Os textos foram produzidos por diferentes atores que vivenciaram este percurso, nas distintas realidades e endereços

sociais de suas instituições de ensino superior, ao mesmo tempo em que confrontam o que é específico desta legislação. Ainda que as críticas sejam contundentes sobre as diretrizes, perspectivas de avanços são consolidadas em termos de avaliação dos cursos e definição de propostas de formação.

Assim, esta edição permite a reflexão dos desdobramentos das diretrizes ao longo da formação superior, pois vislumbra as políticas educacionais que permitiram o acesso à universidade, a abertura de intercâmbios e uma discussão mais ampla e democrática. Por outro lado, os descontentamentos sobre as propostas dos cursos ainda é foco de debate, mas no intuito de uma nova articulação que privilegie a unificação. Não apontando para uma proposta positiva ou negativa, os textos expressam de forma crítica o que mudou? O que avançou? Que limites persistem? E que embates permanecem?

Nessa oportunidade, queremos agradecer a professora Gelcemar e a cada um dos revisores, que atenderam ao seu convite e contribuíram, junto com ela, de forma inestimável para a produção da seção temática que publicamos nessa edição da revista.

Por falar em seção temática, aproveitamos para divulgar em primeira mão que, para uma das edições de 2015, faremos a chamada de uma seção temática que problematizará a Educação Física na Educação Infantil. Em breve, em nossa página e em nosso perfil na rede social Facebook, estaremos disponibilizando mais informações sobre o tema, a ementa, data de recebimento, etc. Dada a importância do tema, acreditamos que os pesquisadores da área irão acolher a proposta e teremos, mais uma vez, uma memorável e qualificada seção temática.

Além dos textos aprovados e que estão sendo publicados sobre o tema das diretrizes curriculares, essa edição da revista mantém suas três outras seções tradicionais: a de Artigos, Porta Aberta e Homenagens. Naquela, seis relatos de pesquisa abordam temas variados, como a formação profissional e a atuação na escola, questões estéticas e de tecnologias digitais, e a produção sobre megaeventos esportivos. Em Porta Aberta, novamente formação profissional e práticas escolares em Educação Física encontram espaços de reflexão, ao lado de questões de tecnologia e corpo. Em justa homenagem, destacamos a professora Carmen Lucia Soares, reconhecida pesquisadora do campo da História das Práticas Corporais e integrante do comitê científico da revista desde a sua criação.

Antes de finalizarmos esse editorial, queremos compartilhar com nossos amigos, colaboradores e leitores a informação sobre a definitiva indexação da Motrivivência ao Sistema LILACS. Na avaliação anterior, há um ano, havíamos obtido a aprovação “com restrições”, o que demandou mudanças significativas em nossas práticas editoriais para que, em reavaliação, fôssemos finalmente aprovados. A maior parte dessas mudanças está relacionada a orientações aos autores para a submissão de originais. Por isso, recomendamos que os nossos colaboradores interessados em publicar na revista leiam atentamente essas instruções, que se encontram no menu inicial, na barra superior azul de nossa página. Outra mudança significativa é que, a partir do próximo ano (2015), como já havíamos divulgado, passaremos a publicar três edições anuais, em maio, setembro e

dezembro. Isso garantirá mais espaço para acolhermos o grande número de originais que, num crescendo significativo, vem sendo encaminhados a Motrivivência.

Finalizando, destacamos na capa dessa edição uma contribuição do professor Edgard Matielo Junior, do DEF/UFSC. Trata-se do registro fotográfico de uma atividade de projeto acadêmico coordenado pelo professor Edgard e pelo colega Paulo Capela, realizado com alunos do curso de Educação Física da UFSC numa comunidade empobrecida em região do entorno da Universidade (Alto da Caieira do Saco dos Limões, em Florianópolis/SC), com apoio da Rede CEDES/Ministério do Esporte. A foto da capa integra a exposição Reflexos da UFSC (subsidiada pela SECULT/UFSC, através do edital Pró-Cultura 2014), da qual o colega Edgard participou recentemente. Agradecemos a ele por ter-nos permitido

a publicação da fotografia na capa dessa edição da Motrivivência.

Neste final de ano, quando o 2014 se aproxima do seu final, encerra-se um ciclo e abrem-se outros, com novos desafios, outros compromissos e renovadas expectativas. Neste sentido, queremos desejar a todos/as uma boa leitura dessa edição da Motrivivência, aproveitando para agradecer àqueles/as colegas que, de diferentes formas, contribuíram para que a revista continuasse por mais um ano sua trajetória no campo da Educação Física, Esporte e Lazer.

Florianópolis, dezembro/2014.

Maurício Roberto da Silva e  
Giovani de Lorenzi Pires (editores)  
Gelcemar Oliveira Farias  
(editora associada dessa edição)

